

ARMA NÃO É BRINQUEDO

Rafael Kipper¹

Vários são os artigos apresentados, diuturnamente, em jornais ou revistas que se referem a este assunto: armas de fogo. Pretendo aqui, tão-somente, expressar a minha opinião e, talvez, auxiliar, de alguma forma, a alguma pessoa que ainda não haja se posicionado criticamente acerca deste tema a fazê-lo.

Dentre os vários problemas que circundam este assunto, vejo, como um dos principais, a irresponsabilidade das pessoas no manejo de uma arma. Como referido no título, arma não é brinquedo, por isso, não pode ser tratada e usada como tal. A solução para este problema se encontra na devida qualificação, no que pertine à capacidade técnica e aptidão psicológica do indivíduo que deseja possuir ou portar uma arma de fogo.

Saber usar uma arma não é simplesmente puxar o gatilho. Vários são os riscos que advêm do uso irresponsável deste instrumento, devendo, para tal uso, serem obedecidas várias regras de segurança. Para o adequado uso de uma arma de fogo, é necessário constante treinamento. Não é por acaso que qualquer manual de armamento aconselha que esta seja manuseada freqüentemente, no mínimo uma vez a cada seis meses.

O programa “A Voz do Brasil”, apresentado todos os dias da semana, mencionou que em nosso país ocorrem 104 mortes por dia, causadas por armas de fogo. Informações como estas são apresentadas de forma incompleta, parecendo, inclusive, tendenciosas. Neste caso, deveria ser mencionado quantas destas armas eram devidamente registradas e quantas dessas vítimas já eram envolvidas em crimes, pessoas com antecedentes criminais.

¹ Acadêmico do Curso de Direito da Univates, do 3º semestre noturno. Publicação set/05.

É importante saber se a vítima tem antecedente criminal por dois motivos. Primeiramente, este indivíduo, criminoso, por considerar a transgressão da lei normal, não se preocupa com registro ou porte de arma. Segundo, porque esta é uma pessoa que corre muito mais risco por seu comportamento ilícito, como vinganças ou crimes mal sucedidos, do que um cidadão de bem.

Observa-se, ainda, que a campanha do desarmamento não vai terminar com a violência no país, e muito menos diminuí-la. E, para chegar a esta simples conclusão, muito óbvia, basta ter em mente: bandido não entrega sua arma (que normalmente muito mais potente e moderna do que a permitida para o uso de um cidadão comum).

Penso que grande parte das armas entregues à Polícia Federal, cujos antigos proprietários, em sua maioria, ainda não foram indenizados, são velhas e nem ao menos funcionam direito. Ainda, quanto às mais novas, na maioria dos casos foram entregues porque seus proprietários não as sabem usar, ou as temem.

Mas qual a opção do cidadão que não quer se desfazer de sua arma? Uma das conseqüências que teremos com a vigência do “Estatuto do Desarmamento” será a transformação do cidadão de bem em bandido. Isso se dá pela enorme burocracia necessária para uma pessoa manter ou adquirir uma arma. Tal burocracia, de tão complicada e onerosa, impossibilita a manutenção do registro da arma, impedindo o cidadão de exercer seu direito de defesa.

As pessoas devem parar de lidar com armas como se estas tivessem vontade própria. Arma de fogo é um objeto inanimado, não age sozinha. Somente quem a utiliza, este sim, pode fazer o seu bom ou o seu mau uso.

Uma das provas de que as armas de fogo registradas, ou seja, aquelas não usadas por bandidos, não são, por si só, causadores de violência, verifica-se quando comparamos alguns dos Estados que compõem nosso país.

Comparemos nosso Estado, o Rio Grande do Sul, que, por tradição, é um Estado armado, e o Rio de Janeiro. O povo gaúcho é o que possui o maior número de armas registradas no nosso país. O Estado do Rio de Janeiro possui poucas armas registradas. Se considerado que um maior número de armas é fato que aumenta o crime, fica sem explicação a situação do Estado do Rio de Janeiro, no qual a violência é muito maior. Assim, se os fatos concretos estão corretos, parece que possuir mais armas registradas diminui o crime.

Alguém arrisca dizer que o nosso Estado, que possui muito mais armas registradas, é o mais violento? Da mesma forma, alguém arrisca dizer que, pelo menos a maioria das armas do Rio de Janeiro foram entregues? Indo além, após a campanha do desarmamento, na qual milhares de armas foram entregues, quem afirmará que a violência, com o uso destas, diminui ou está diminuindo diminuir?

Há muito tempo que esta discussão existe. Em 1764, um senhor chamado Cesare Beccaria sabiamente escreveu em seu livro “Dos delitos e das penas”, em um de seus capítulos, intitulado “Falsas idéias de utilidade”, que não é concebível tirar do povo o fogo, porque incendeia, ou a chuva, porque causa inundação, assim como as armas, porque seu uso irresponsável pode causar mal. Caso alguém ainda pense que sim, estará disposto, de forma idêntica, a abolir os automóveis das estradas do país porque são responsáveis por um número muito maior de mortes?

A Constituição Federal, nossa Lei Maior, diz que, como cidadão, tenho direito a segurança. Este direito é garantia individual básica, fundamental e legal. Portanto, exijo este direito! Todos sabem, não é segredo, que nem sempre o Estado poderá proteger o cidadão. Assim, tenho absoluta convicção que o uso de uma arma de fogo é uma das melhores maneiras de prover a segurança de minha propriedade e de minha família em momentos de necessidade.

Acredito nas Polícias de nosso país e sei que estas não podem estar em todo lugar a qualquer momento, mas o que, definitivamente, não vou aceitar é ficar à mercê de qualquer bandido.

Por fim, espero que a população deste nosso sofrido país não seja manipulada pela propaganda de certa rede de TV, sempre tendenciosa, visando apenas ao bem próprio e desconsiderando qualquer idéia alheia à sua. E, que, em 23 de outubro de 2005, dia do referendo, triunfe o bom senso sem que o cidadão seja transformado em bandido de um dia para o outro.